ISSN: 2358-8829

CORPO EM RUÍNAS, SER EM REMEMORAÇÃO: O DISCURSO COMO FERRAMENTA DE APAGAMENTO EM A NATUREZA DA MORDIDA

Matheus Diniz Maia [1]
José Helber Tavares de Araújo [2]

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho tem o intuito de analisar a obra *A Natureza da Mordida (2022)*, da autoria de Carla Madeira. A trama acompanha Biá, uma psicanalista idosa que sofre de Alzheimer, e Olívia, uma jornalista. As duas se tornam amigas e se ajudam no percurso tentando compreender os motivos dos abandonos e do luto, enquanto a memória de Biá vai se degradando com o tempo.

Para realizar uma crítica literária desta obra, utilizaremos como fundamentação autores como Walter Benjamin e seus interprétes, como Löwy (2005), Gagnebin, Franco (2015) e Lages (2002). Eles se aprofundam na teoria de Benjamin e procuram captar qual seria o conceito de rememoração usado pelo autor alemão para o entendimento do que significa a redenção do passado. Nossa intenção é aproximar a tentativa de encaixar o quebra-cabeça das memórias de Biá com os processos descritos por Benjamin, onde a rememoração serve para ver o passado, sentir que podia ter mudado algo e superar o futuro. A existência do Alzheimer trava as memórias confusas da personagem e as lembranças dos relacionamentos quebrados, mostrando que a sua "redenção" almejada pode não ser possível de ser alcançada.

Para enfatizar a análise da narrativa, decidimos adicionar também como embasamento teórico o pensador Michel Foucault (2014). Ao trabalharmos no artigo, já

[1] Graduando do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - matheus.diniz@aluno.uepb.edu.br
[2] Professor Doutor do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - Campus IV, josehelber@servidor.uepb.edu.br

ISSN: 2358-8829

sabíamos que haviam pesquisas similares sobre a obra *A Natureza da Mordida*, porém restrita ao campo da análise do discurso foucaultiano[3].

Rodrigues (2026), em seu trabalho, também aborda o discurso social ligado aos problemas familiares. Seu estudo é uma porta de entrada que se assimila com o nosso trabalho. Sua visão de análise muito se assimilava com nossas convicções iniciais de observação; porém, nosso trabalho acabou se deslocando para uma área da rememoração e redenção benjaminiana, tratando as memórias confusas que ela pontua não apenas como uma dificuldade que a personagem tem no romance. Acredito que nossos trabalhos têm conexões na base, porém seguiram vertentes distintas.

Tentaremos aqui abordar a mesma questão numa perspectiva vinculada à análise literária. Além de observar a questão da sexualidade, ele tem um papel importantíssimo no debate sobre o discurso familiar e também em relação ao discurso sobre o louco na sociedade, bem como a função que este exerce no seu papel social de um sujeito sem voz, o que nos dará subsídios para a construção da nossa interpretação literária. *Michel Foucault* posiciona-se de forma que o louco não deve ser apenas uma desculpa para deixar o sujeito de escanteio. Para o filósofo francês, na figura do louco podemos compreender as anomias sociais. No romance de Carla Madeira, a sociedade e a família desacreditam da capacidade cognitiva da personagem Biá e a veem muito mais como uma louca do que uma portadora de doença degenerativa. É nesse cenário que a amizade com Olívia ganha força, pois surge o interesse genuíno por sua escuta, convergindo com as ideias críticas foucaultianas.

O nosso trabalho aborda uma interpretação da rememoração de Biá na sua convivência com Alzheimer (o reviver de um passado tornado duvidoso pela doença), articulada com o conceito benjaminiano de história dos vencedores contra a história dos vencidos. A ideia é de que existe uma opressão ambivalente sobre a jornada de Biá: por um lado, ela recebe o estigma da loucura advinda da sociedade e de seus familiares, por outro, há a protagonista vai sendo mostrada apenas sob a perspectiva dos “vencedores” (no caso, a família e os que ainda conseguem distinguir presente e passado, que a taxam como louca porque ela não pode se defender pelo seu problema), destituindo-a da sua própria elaboração do passado.

Assim, o nosso artigo evidencia que, na busca de acessar seu próprio passado, Biá colhe um duplo sofrimento. Primeiro, pelo estágio de suspenção de sua memória, onde lapsos, imaginação, devaneios e realidade formulam narrativas que logo são violentadas pelo discurso competente da racionalidade de seus familiares; segundo, pelo próprio incomôdo que a doença causa em sua identidade no ato de rememoração que realiza enquanto narra sua vida para Olívia.

METODOLOGIA

Nosso trabalho foca-se, principalmente, no conceito de rememoração, teoria elaborada e desenvolvida por Walter Benjamin. Esse aporte teórico partiu da necessidade de interpretar a memória aflita da personagem descrita por Madeira em seu romance. No momento em que a guerra mental de uma das protagonistas é associada ao Alzheimer, percebe-se que uma análise se faz necessária para assimilar o que a aflige na narrativa.

Também utilizamos aspectos preciosos de Foucault para discutir a "louca" (forma como ela é descrita pelos outros personagens e até por si mesma), bem como a individualidade de suas memórias, construída pela busca incessante para superar traumas e arrependimentos. Benjamin também traz um conceito correlato: "aura". Interpretar a importância de analisar essa "louca" é a base para adensar o peso dramático da narrativa.

A rememoração é a base teórica primordial da nossa pesquisa. Para compreender essa teoria complexa, autores como Löwy (2005), Gagnebin, Franco (2015) e Lages (2002) destricham as temáticas abordadas nas teses de Walter Benjamin, tais como os conceitos de aura, rememoração, redenção e a relação entre teologia e materialismo. Adotamos, principalmente, a rememoração como linha condutora da análise. Segundo Benjamin, o ato de lembrar o passado e seu sofrimento é um ato individual de libertação. Para alcançar a redenção, faz-se necessária a rememoração integral do passado, de modo que nenhum aspecto, por menor que seja, seja excluído ou considerado "perdido". Por meio dessa revisão histórica, o sujeito busca superar o passado pelas ações do presente para redimir o futuro. O mundo tende a oficializar na história a narrativa construída sob a perspectiva dos "vencedores", esquecendo os "vencidos". Benjamin enfatiza essa observação e busca resgatar os vencidos, os quais demandam prioridade na revisão histórica. Observar as minorias que não tiveram a oportunidade de superar seus traumas

e alcançar a redenção é um processo contínuo, que exige a análise minuciosa de cada excerto, sem desconsiderar a riqueza dos detalhes.

> Jeanne Marie Gagnebin — sustentam que "[…] é em nossas dúvidas, hesitações, em nossos desvios que pode ainda se insinuar o apelo messiânico […]" (1994, p. 112) Cujo o significado, em todo o caso, não remete à teologia, mas ao impulso ou à oportunidade revolucionária. Em outros termos: da perspectiva dos derrotados — ou dos vencidos — o passado não silencia, não desaparece nas brumas do tempo, ainda que a história dos vencedores tenda encobrir ou apagar tanto os momentos revolucionários quanto suas lutas. Tal forca apela, com as esperanças despertadas nas lutas passadas, às gerações posteriores, a fim de que elas mesmas realizem, no seu presente, o que as gerações anteriores não lograram realizar. (Franco, 2015, p. 111)

A aura abordada nesta pesquisa não se limita a uma definição simplista, pois abrange tanto a dimensão artística quanto a da memória. Para o autor, a aura faz parte de uma experiência crucial para o ser humano: a vivência de algo pela primeira vez com intensidade e singularidade. A exemplo de uma apresentação teatral, trata-se de um evento único que não pode ser reproduzido da mesma forma, caracterizando o "aqui e agora"; uma autenticidade incopiável que não se deixa apreender totalmente pela simples presença.

O trabalho de Carlos Pernisa Júnior intitulado Walter Benjamin :imagens exemplifica o que queremos dizer acerca de aura na narrativa, eles exploram o conceito no processo da fotografia, como as primeiras fotos haviam uma espécie de construção única que também é o que aparece nas memórias únicas da personagem do romance que iremos analisar.

> O próprio procedimento técnico levava o modelo a viver não ao sabor do instante, mas dentro dele[…] Tudo nas primeiras imagens era organizado para durar. Mas fazer as coisas se aproximarem de nós, ou antes, das massas, é uma tendência tão apaixonada do homem contemporâ-neo quanto a superação do caráter único das coisas, em cada situação, através da sua reprodução. (Benjamin, 1993, p.96). (Junior, 2008, p.14)

Já na área da análise do discurso, decidimos utilizar a figura do louco advinda dos textos de Michel Foucault, a qual representa a dimensão social em que um indivíduo não compreendido pela sociedade e pelo meio em que vive torna-se alvo de tentativas de degradação. Na narrativa de Madeira, Biá explicita bem essa complexidade e a importância de se ouvir o discurso do "louco". O pensamento foucaultiano defende que,

na contemporaneidade, o louco não é um ser descartado, mas sim um objeto de pesquisa para compreender fatores sociais complexos.

> História da loucura e O nascimento da clínica, em contrapartida, transitam em uma dimensão vertical que atravessa tanto o discursivo como o não discursivo (as instituições, as relações sociais, as instâncias administrativas, etc.). Por isso, na arqueologia da clínica, a verticalidade arqueológica remete a uma reorganização simultânea das maneiras, individuais e sociais, de perceber, de falar e de comportar-se a respeito da doença (FOUCAULT, 1988, p. 148; p. 166). (Castro, 2015, pag. 38)

Por fim, nossa análise foi fundamentada na base desses conceitos tão abordados na análise literária e linguística. Por meio dessa teoria, podemos, assim, iluminar nossa pesquisa do romance de Carla Madeira, mais especificamente no que diz respeito à personagem Biá, evidenciada com Alzheimer na narrativa. A observação é sobre como a narrativa retrata esses problemas e como eles afetam a personagem. Foucault vai embasar a busca incessante de tratá-la como louca socialmente. Benjamin vai trazer uma iluminação para essa dúvida: mostrar que essas memórias e a loucura da personagem podem não ser apenas formas de subjugação familiar e social, mas também um meio de fuga da realidade. Sua doença também busca por uma salvação: mesmo estando em uma "casca morta", suas memórias constantemente se reorganizam para seu perdão.

PROBLEMATIZAÇÃO

No romance de Carla Madeira, as memórias demonstram um efeito profundo na narrativa. Por meio de lapsos de memória, ditar seu passado à Olívia e anotar essas passagens, Biá demonstra que lembrar é algo que nutre a base do romance, uma mulher que está em busca persistente em entender o que norteia seu estado familiar e social.

O fato de uma personagem por si própria se interpretar como louca, mudar seu nome para outro (no caso de Enma para Biá) já contextualiza uma grave influência social e da família. Se por si própria se denomina como tal, a loucura na narrativa tem nome e sobrenome com essa personagem. A visão de quem está em volta a transforma em uma mulher que está quebrada. A sua filha não demonstra tanta preocupação acerca dos comportamentos advindos do Alzheimer, mas ela mesma expressa que quando está boa é que finge que está. Quando ela consente com o comportamento familiar é que está normal na visão da sociedade, causando frustrações e tristeza à personagem.

ISSN: 2358-8829

A partir de memórias podemos perceber que é necessário interpretar a sua luta contra o questionamento. O passado seria de fato como foi contado por ela, ou seria como a sua filha tenta corrigir? Essa construção tende a nos deixar do lado da família já que não tem uma doença que a assola e desmancha sua memória, mas esse também é um ponto pertinente no personagem do romance. Não é apenas lembrar ou esquecer por querer, é reconstruir algo que já foi esquecido em busca de completar o quebra-cabeça. Carla nos faz encaixar as pontas soltas que a personagem Biá utiliza para uma redenção benjaminiana, refazendo o passado para uma redenção no futuro.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS TRECHOS

Durante a obra, observamos que Emma expressa memórias diferentes das expressas pelos personagens e familiares à sua volta. O seu neto Bento é uma espécie de criação de memórias que muito se assimila a uma forte tentativa de reconstruir o passado, superá-lo e retomá-lo por outro método para, assim, alcançar a sua redenção. Essa é uma das propostas mais interessantes da obra: por meio dela, percebemos que, embora o Alzheimer tente inviabilizar e humilhar o sujeito em seu estado degradado, a personagem consegue superar essa condição e o seu próprio passado. Mesmo sem a capacidade cognitiva de diferenciar passado, presente e futuro, ela tenta encaixar tudo como um quebra-cabeça. Com essa atividade, o que ela provoca é uma modificação no seu passado por meio da memória, corrigindo seus “erros” e dando a ela a capacidade de superar as lacunas através da rememoração. Ela busca uma retomada no passado mas não exige fidelidade histórica factual, mas sim reparação afetiva.

> A relação do presente com o passado — e não com o futuro — é questionada, posto que a historiografia tradicional ou historicista deixa de problematizá-la. Benjamin afirma que “[…] articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento do perigo” (Franco, 2015, p.109)

Assim como no romance, esse trecho evidência que uma rememoração não é reconhece-lo como realmente aconteceu, mas se segurar fortemente em uma memória do ocorrido como um flash de esclarecimento. Podemos observar um pouco da ideia de aura (na visão de Benjamin, a emoção da primeira vez que algo é expresso, em que o

sentimento é totalmente único e singular). Por meio do Alzheimer, Biá presencia essa experiência: todo dia é único e escutar as histórias de Olívia desencadeia o fenômeno da aura. Por meio da modificação da memória e da criação de novos acontecimentos, isso também ocorre (ela cria a novidade e a autenticidade, fazendo de cada lembrança algo verdadeiramente único).

A história que estamos tratando é a dos "vencedores" e qual vencedores seriam esses? Os bem favorecidos e não os que estão à margem da sociedade, por isso a guerra de classes. O que seria essa tal redenção e rememoração? Na perspectiva que mais se alinha a de Benjamin não é uma guerra física, mas sim social e psicológica, ele também propõe o Einfüblung, que segundo Löwy (2005), o equivalente mais próximo seria empatia, mas Walter traduzia como "identificação afetiva".

Ele também propõe uma acedia, que segundo Löwy (2005) é a indolência do coração, a melancolia. A tese VII de Benjamin não explica, porém é explicado por Löwy que acedia é um sentimento, é o sentimento da toda poderosa fatalidade, que priva as atividades humanas de qualquer valor. É o cortejo aos poderosos, o melancólico é dominado pela indolência do coração, a traição lhe é habitual pois sua submissão ao destino que o faz se unir ao campo do vencedor.

> Deus me livre de ter uma cabeça capaz de ver tudo, presa a um corpo devastado. Prefiro ser louca de vez. Falta pouco […] — Biá é meu nome de louca. Biá, e não Bia, note a diferença — insistiu, bem-humorada. — Pus o acento para não ficar de pé muito tempo, por causa de minhas varizes. (Madeira, 2024, p. 18)

O silêncio da "louca" confirma tanto sua disfunção (de alma e sentido esvaziados) quanto o apagamento imposto pelo Alzheimer e pelo meio social. O indivíduo é anulado em um processo duplo: quando perde a si mesmo e quando a sociedade o ignora. Para Emma, cujo nome na loucura é Biá, o discurso surge como uma arma surda que, embora resista, acaba por projetar uma imagem de debilidade e ineficácia. Ela é gradualmente apagada, vítima tanto de uma síndrome que lhe devora as memórias quanto dá modificação delas.

> Durante séculos, a palavra do louco não era ouvida ou, então, se era ouvida, era escutada como uma palavra de verdade. Ou caía no nada — rejeitada tão logo proferida; ou então, nela, se decifrava uma razão ingênua ou astuciosa, uma razão mais razoável do que a das pessoas razoáveis. De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela ação. (Foucault, 2014, p. 11)

ISSN: 2358-8829

Assim como em Foucault, o barulho e o silêncio de Biá confirmam tanto sua disfunção (de alma e sentido esvaziados) quanto o apagamento imposto pelo Alzheimer e pelo meio social. O indivíduo é anulado em um processo duplo: quando perde a si mesmo e quando a sociedade o ignora. Para Emma (Biá), o discurso surge como uma arma surda que, embora resista, acaba por projetar uma imagem de debilidade e ineficácia. Ela é gradualmente apagada, vítima tanto de uma síndrome quanto de uma estranha resiginifiação dos acontecimentos do passado.

Porém, Foucalt também explica que, na contemporaneidade, isso se moveu. Não se trata apenas de descredibilizar; nossa sociedade ainda inviabiliza os necessitados, numa espécie de nova camada do que ocorria com os loucos na Idade Média.

> Dir-se-á que, hoje, tudo isso acabou ou está em vias de desaparecer; que a palavra do louco não está mais do outro lado da separação; que ela não é mais nula e não aceita; que, ao contrário, ela nos deixa à espreita; que nós aí buscamos um sentido, ou o esboço ou as ruínas de uma obra; e que chegamos a surpreendê-la, essa palavra do louco, naquilo que nós mesmos articulamos, no distúrbio minúsculo por onde aquilo que dizemos nos escapa. (Foucault, 2014, p. 12)

O caso de Biá em A Natureza da Mordida ilustra precisamente esse apagamento: a sua "teologia" pessoal é desacreditada pelo meio social em que está inserida, mas não apenas pelo fato da "loucura", suas memórias e passado expresso por si é quem é mais contestados pela sociedade, pessoas que não existem, acontecimentos desconexos dos contados por outras pessoas e de conhecimento dos vizinhos. Isso causa fragilidade a imagem, ela se mostra uma pessoa "sem condições de exercer função na sociedade".

Mas também temos o outro lado da moeda, uma garota que Emma se conectou e contou a sua vida, cujo sua loucura é observada, simultaneamente preservada e analisada pela amiga, que tenta conectar os resquícios de memória daquela que ela reconhece como Biá (sendo este, como diz o romance, seu "nome de louca"). Olivia chega a ir a casa da idosa ao perceber que ela não comparecia ao local dos encontros recorrentes. No local ela parecia frágil e totalmente diferente da mulher que conversava com ela, a sua filha também parece ser uma prova viva de uma contestação a memória que sua amiga ditava nos encontros.

> O passado não é o mesmo para vencedores e derrotados: enquanto as classes dominantes de todas as épocas narram a história a fim de glorificar e celebrar seus feitos e vitórias — o que, em geral, confere a seu modo de construir a narrativa um

ISSN: 2358-8829

> tom épico, fracamente apologético, que considera o passado como coisa morta, superada e irreversível —, os vencidos ou seus herdeiros vislumbram nele os traços arruinados de outro projeto histórico, de outra vida. (Franco, 2015, p. 110)

Essa memória é um passado alternativo? Ou apenas o método como ela enxergava as coisas que fez no passado. Aqui o passado não é tratado como forma inconcebível e imutável, por estar sempre contando seu passado nos conectamos com o que é contado pela idosa, mas depois observamos o que aconteceu para a realidade dos seus familiares, o passado não está morto ou superado ainda, ele está vivo e em constante transformação pela narrativa, nem que seja na forma da imaginação ligada a realidade "imutável". O vencedor tem o papel de questionar o passado (no caso a sua filha), já o vencido agora o vencido é Emma que presa ao seu corpo em processo de decomposição não sabe distinguir a realidade do passado inventado, mas esse processo negativo também cria uma brecha para a sua redenção. Ela pode modificar o passado para conseguir reparar os seus erros.

A família, ao questionar e conviver com o silêncio de Velhinha e confrontar sua memória, utiliza o discurso como uma ferramenta de poder, modificando a "teologia" do seu ser e agravando o estado de deterioração de sua memória, observando o por que daquele comportamento.

No campo da teologia da história, a rememoração é o estado de espírito do personagem; o indivíduo está em constante diálogo com o passado. Os lapsos e as peças que não se encaixam (sintomas do Alzheimer) são figuras reconhecidas na desarticulação da identidade. Trata-se de uma rememoração que se opõe ao esquecimento do presente, resultando no apagamento da aura e no esfriamento da chama da alma, deixando apenas uma casca morta.

Nessa dinâmica, a teologia e o materialismo são, simultaneamente, servos e mestres um do outro. Segundo a concepção benjaminiana, essa interdependência é absoluta: um deve existir para que o outro se perpetue. A teologia encontra-se, assim, a serviço do materialismo (e vice-versa). Podemos, portanto, traçar uma analogia com o desregramento do corpo doente: se ambos necessitam de sustentação mútua para a existência do sujeito, quando uma parte se rompe, a outra definha. O doente perde sua dimensão teológica (suas memórias e sua alma) e, consequentemente, seu corpo entra em um processo de desregramento, perdendo a capacidade de funcionar ao deixar que a contraparte espiritual desapareça.

> A redenção exige a rememoração integral do passado, sem fazer distinção entre os acontecimentos ou os indivíduos “grandes” e “pequenos”. Enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos, não poderá haver libertação […] Escolheu o cronista porque ele representa essa história “integral” que ele afirma ser seu desejo: uma história que não exclui detalhe algum, acontecimento algum, mesmo que seja insignificante, e para a qual nada está “perdido”. (Löwy, 2005, p. 54)

Biá tem uma trajetória que chega a ser cínica no romance: uma mulher que passou a vida como psicanalista, desvendando e conectando o inconsciente das pessoas, agora torna-se um ser de mente indescritível para si mesma. É uma refém que não entende que está presa, habitando um corpo que ignora sua “teologia” e que se encontra em estado de degradação, sem deixar brechas para retorno. Sua alma é modificada pois sua história foi apagada pela doença e criada novamente por sua tentativa de lembrar.

> Benjamin a situa, em primeiro lugar, na esfera do indivíduo: “sua felicidade pessoal pressupõe a redenção de seu próprio passado, a realização do que poderia ter sido, mas não foi […] A redenção do passado é, simplesmente, essa realização e essa reparação, de acordo com a imagem de felicidade de cada indivíduo e de cada geração.” (Löwy, 2005, p. 48)

A protagonista teve decepções na vida, amizades perdidas, e sua família não consegue a ajudar, ela permanece em constante represália e descrença em relação ao seu discurso, esse estado é contínuo, a mulher já expressa que finge quando está “normal”, ela esquece quase tudo, então por isso cria anotações para ter anotações básicas do que não pode esquecer. Essa é a base para sua redenção, por meio dessas escritas, saber quem é cada pessoa, o que fazer e o seu passado distorcido pela sua mente.

> Os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e ainda estão por dizer.[…] são também esses textos curiosos, quando se considera o deu estatuto, e que chamamos de “literários”; em certa medida textos científicos. (Foucault, 2014, p. 21)

Na narrativa, Emma sempre tem algo a falar, algo novo que permanece dito, mas também diz ainda mais quando descobrimos os ocorridos reais na visão da sua filha. Porém, a narrativa se torna ainda mais envolvente se lermos todo o romance e só após isso analisarmos as anotações dessa mulher, pois assim vamos ter uma visão totalmente diferente; é uma leitura transformadora e se trata de um texto de peso sentimental expressivo. As anotações falam muito mais do mundo em que Biá está vivendo e de sua visão dos acontecimentos. Suas anotações são suas memórias, e elas têm muito mais a

falar depois de uma releitura; é algo que sempre vai ter a dizer, seja no discurso de uma idosa contando seu passado, em como uma pessoa afetada pela doença fica propensa a distorções na memória, ou até no método discursivo que ambas as personagens utilizam.

A mulher tem uma trajetória que chega até ser cínica no romance, uma mulher que passou a vida como psicanalista desvendando e conectando o inconsciente das pessoas, agora torna-se um ser de mente indecifrável para si mesma, uma refém que não entende que está presa, mas está em um corpo que não liga para sua "teologia" ele está em estado de degradação sem deixar brechas para retorno.

> Benjamin a situa em primeiro lugar na esfera do individuo: sua felicidade pessoal pressupõe a redenção, de seu próprio passado, a realização do que poderia ter sido mas não foi […] A redenção do passado é simplesmente essa realização e essa reparação, de acordo com a imagem de felicidade de cada indivíduo e de cada geração. (Löwy, 2005, p.48)

Essa visão se alinha com a sociedade do romance de Madeira, então caso adaptamos essa teoria ligada à teoria do discurso de Foucault (inviabiliza o sujeito degradada com o discurso de descrença no que ele fala), podemos chegar a conclusão que protagonista teve decepções na vida, amizades perdidas e sua família também não a ajuda, ela fica em constante represália e descrença com seu discurso, a proibindo de sair e conversar com Olívia, tornando impossível que a redenção seja alcançada, o singular sobrepõe o geral, não deixando que a salvação se concretize.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do nosso trabalho deixamos assim uma brecha para uma pesquisa acerca do Romance de Carla Madeira e Rememoração, abrindo espaço para futuras investigações e desdobramentos na área de estudos literários. Pretende-se, assim, proporcionar uma compreensão mais ampla sobre como a ação da rememoração e a busca pela redenção ocorrem por meio das novas configurações e lacunas de memória provocadas pelo alzheimer no texto literário. Em última análise, a pesquisa busca evidenciar que a ação da doença na personagem Biá vai muito além de um simples esquecimento. A condição se apresenta como um mecanismo pelo qual o próprio corpo e a mente buscam superar trauma e dor: ao criar novas memórias e fabulações, Biá tenta se libertar do peso do

passado, reencenando e corrigindo ações que gostaria de ter feito de forma diferente, alterando sua história na memória para alcançar a tão buscada redenção.

REFERÊNCIAS:

ALVARENGA, N. FIORESE, F. **Walter Benjamin:** imagens. RJ: Mauad X, 2008

CASTRO, E. **Introdução a Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FRANCO, Renato. **10 lições sobre Walter Benjamin.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GAGNEBIN, J. **Limiar, aura e rememoração.** São Paulo: Editora 34, 2014.

LAGES, S. **Walter Benjamin:** tradução e melancolia. 1. Ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

LIMA NETO, Izaías Serafim de (org.). **Leituras do presente**: estudos em mídias, literaturas e educação. Macapá: Editora da Universidade Federal do Amapá, 2026.

LÖWY, M, **Walter Benjamin:** aviso de incêndio. 1. Ed. São Paulo: BOITEMPO, 2005.

MADEIRA, C. **A Natureza Da Mordida**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

RODRIGUES, M. E. L. Entre o silêncio e a exclusão: o sofrimento psíquico na narrativa da personagem Biá em A natureza da mordida. In: LIMA NETO, Izaías Serafim de (Org.). **Leituras do presente:** estudos em mídias, literaturas e educação. Macapá: UNIFAP Editora, 2026. P. 113-122.